

# Da crise do petróleo às oportunidades das energias renováveis

José J. Delgado Domingos  
Prof. Cat. do Instituto Superior Técnico

## 1. Antecedentes

Depois dos choques petrolíferos de 1973 e 1979 enfrentamos de novo um “choque”, porventura menos dramático mas muito mais profundo porque estão em causa alterações de modelos de desenvolvimento e de filosofias de vida, forçados pela globalização e a emergência de grandes consumidores, como a Índia e a China. Para os enfrentar, Portugal encontra-se em pior situação do que nos “choques” anteriores porque não só ignorou todas as evidências e avisos como transformou muitas das grandes oportunidades que teve em desvantagens. O caminho a percorrer agora é mais árduo mas com novas oportunidades se não ignorarmos ensinamentos do passado. Repito, para isso, parte do prefácio de uma recolha de textos que fiz sob o título de Energia e Ambiente ([http://jddomingos.ist.utl.pt/Energia\\_e\\_Ambiente.pdf](http://jddomingos.ist.utl.pt/Energia_e_Ambiente.pdf)) publicada em 1995.

“

(...) repetem-se (textos entre 1973 e 1978) , não só porque mantêm no essencial a sua actualidade, mas também porque permitem balizar a perspectiva sobre o que foi a evolução nacional nestas duas décadas, marcadas por uma mudança de regime político em Portugal, pelos choques petrolíferos de 1973 e 1979 (...), por uma profunda alteração da ordem económica internacional e pelo colapso da União Soviética.

O título que recolheu os textos (...) transmitia a preocupação dominante de saber se Portugal iria optar pela valorização da inteligência e das capacidades nacionais, ou se iria escolher a via da cópia fácil e acrítica de modelos estrangeiros, que a exploração dos complexos nacionais de atraso (...) tornava tentadora.

As crises, sejam elas nacionais ou internacionais, oferecem sempre desafios e oportunidades novas, quando se enfrentam com lucidez e superam com determinação.

Em meu entender, desperdiçamos as oportunidades únicas que a mutação tecnológica iniciada com a crise da energia ofereceu e falhamos as oportunidades trazidas pela revolução das tecnologias da informação(...)

Dado que um dos temas recorrentes é a energia, **e que a intensidade energética da economia portuguesa se degradou continuamente desde 1973, contrariando a média e a tendência de todos os países desenvolvidos e em particular dos países da União Europeia, importa sublinhar o facto de o preço do petróleo bruto se encontrar hoje a preços reais inferiores aos que existiam antes da crise da energia. Esta situação é conjuntural (...). Trata-se de uma situação muito volátil, que não deve fazer esquecer a extrema vulnerabilidade de Portugal nesta matéria**, sobretudo tendo em conta que importamos, em 1992, cerca de 90% da energia consumida e de 80% de todos os bens alimentares, os quais traduzem também uma quantidade apreciável de energia não renovável incorporada no país de origem.

Esta situação, invulgarmente favorável quanto aos custos da energia importada, coincidiu também com o maior afluxo de ajuda externa deste século, resultante da nossa integração na União Europeia.

Este conjunto verdadeiramente excepcional de circunstâncias económicas favoráveis não deve perturbar a lucidez com que se analisam os factores estruturais de que depende o progresso futuro ou a simples manutenção da relativa prosperidade existente.

Energia e Ambiente são duas faces da mesma moeda, tal como Ambiente, Desenvolvimento e Qualidade de Vida são questões indissociáveis “

## **2. Actualidade**

Passados mais dez anos, a intensidade energética da economia portuguesa continuou a degradar-se, e só agora parece ter-se acordado, para as pesadas implicações do protocolo de Quioto quanto às emissões de gases com efeito de estufa (GEEs), quando estas implicações não são mais do que a outra face da mesma questão! Posto noutras palavras, o valor acrescentado por cada unidade de energia gasta diminuiu continuamente desde 1973 e a essa penalização económica vem juntar-se agora a trazida pela emissão de GEEs.

Nas “crises” anteriores, Portugal não estava na União Europeia nem no euro e reagiu desvalorizando o escudo e com brutais inflações (reduzindo drasticamente os salários reais). Não podendo já competir com salários baixos, não podendo controlar o preço do petróleo e havendo limites para o endividamento externo, só tem uma alternativa: acrescentar mais valor à energia que gasta e reduzir a dependência do petróleo recorrendo às energias renováveis em que é incomparavelmente mais rico do que a maioria dos países europeus. Na sua singeleza, este é o desafio e esta a oportunidade. Sabendo-se que 60% do consumo de energia eléctrica em Portugal é nos edifícios e que nestes a maior fatia é para climatização, vemos imediatamente que a oportunidade das energias renováveis não está só na sua produção mas também em evitar que uma arquitectura inadequada e um ordenamento do território contra natura transformem em enorme fonte de despesa a incalculável riqueza que é a energia solar que recebemos e o clima de que dispomos.